

*Ao Francisco e à Maria, meus filhos,  
que um dia saberão o valor da liberdade*

*«Vejam todas estas pessoas. São incapazes de fazer uma revolução. Estão demasiado humilhadas. Têm muito medo, estão muito oprimidas. Mas daqui a dez anos os que têm 10 anos terão 20. E os que têm 15 terão 25. Ao medo herdado dos seus pais acrescentarão o próprio idealismo e impaciência. Alguém se apresentará e representará os seus sentimentos inconfessáveis. Alguém lhes prometerá um futuro. Alguém fará exigências. Alguém falará de grandeza e sacrifício. Os jovens e inexperientes darão a sua coragem e a sua fé aos cansados e incertos. E depois haverá uma revolução. E o nosso mundo afogar-se-á em sangue e fogo.»*

*O Ovo da Serpente, filme de Ingmar Bergman*

*«O truque mais esperto do Diabo é convencer-nos de que não existe.»*

BAUDELAIRE

*«Dir-vos-ei o que me trouxe à posição que alcancei. Os nossos problemas políticos pareciam complicados. O povo alemão não podia fazer nada com eles [...] Eu, por outro lado, reduzi-os aos termos mais simples. As massas compreenderam isso e seguiram-me.»*

ADOLF HITLER

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	19
<b>PRÓLOGO</b> .....	25
Nota do editor .....	35
<b>DEUS</b> .....	37
O TRIUNFO DA VONTADE .....	39
Um político tabloide .....	42
O Chega e os «netos» de Jaime .....	49
«Cheios de ódio e rancor» .....	55
O POPULISTA DE DEUS .....	58
E Deus descobriu as mulheres .....	62
«Ó puto, tem lá calma contigo!» .....	66
Dr. André e Mr. Ventura .....	68
Sexo, drogas e o romancista diletante .....	74
«Vejo-me como um serviço público» .....	80
A antecâmara do <i>bully</i> .....	82
«A culpa é do Benfica» .....	88
Um populista em construção .....	93
Pacheco de Amorim: a verdade da mentira .....	96
PECADO ORIGINAL E SUBMUNDO .....	104
O Frankenstein de Loures .....	110

PSD até dizer Chega! . . . . .	113
O homem de ação. . . . .	119
A cisão estava escrita . . . . .	124
Agressividade ao rubro . . . . .	126
A evangelização do partido . . . . .	133
Ventura e o <i>Zé da Esquina</i> . . . . .	136
«Um partido de gente maluca...» . . . . .	138
Chega aqui, Brasil. . . . .	143
Assinaturas: a grande trapalhada. . . . .	149
Chega, mas devagar: a saga do «Basta» . . . . .	156
A viragem de Rita Matias . . . . .	159
Hells Angels ao jantar. . . . .	161
Como chamar a atenção. . . . .	164
Europeias 2019: é fazer as contas... . . . .	169
Era uma vez em Algés. . . . .	172
 SALAZAR 2.0? . . . . .	 176
O Chega e as sombras. . . . .	177
A cor do dinheiro . . . . .	182
Programa? Qual programa? . . . . .	189
 O «HITLERZINHO DE MERDA»: UMA TARDE NO ESTORIL. . . . .	 192
Chega, ano 1: para maiores de 18. . . . .	192
Ventura eleito, país no divã . . . . .	208
Alentejo: ir aonde ninguém ia . . . . .	209
Era uma vez o PCP . . . . .	212
A ressaca do PSD . . . . .	215
E Cléon entrou na Assembleia. . . . .	217
Chamem a polícia. . . . .	223
 O CAVALEIRO DAS TREVAS . . . . .	 229
Porta aberta a extremistas . . . . .	231
Graça, a «besta negra»? . . . . .	234
Machado, NOS e o Chega . . . . .	239
Áustria não, jantares sim . . . . .	241

OS DIAS DO «VALE TUDO» . . . . .	243
Milícias de perfis falsos . . . . .	247
Telemóvel, a «máquina de guerra» . . . . .	253
 CHEGA INTERNACIONAL CLUBE . . . . .	 258
Lourenço: a última entrevista . . . . .	261
 O REINO DO PREGADOR VENTURA . . . . .	 279
O brasileiro Drummond . . . . .	282
O partido e as massas . . . . .	284
Touradas, Cristina e fúria . . . . .	292
Estranhos no seu próprio país . . . . .	295
O Messias em Portalegre . . . . .	299
Ventura, o antídoto . . . . .	303
 DEUS NO COMANDO . . . . .	 308
Como confinar ciganos. . . . .	310
Adesão e revolta evangélica . . . . .	314
Da Maná ao convite do Chega . . . . .	319
A igreja que não se vê . . . . .	321
O maná Chega . . . . .	326
O «cisma» de Braga . . . . .	331
Da família PT ao Chega . . . . .	333
 <b>PÁTRIA</b> . . . . .	 341
 CONTRA AS ELITES, VENHAM AS ELITES . . . . .	 343
Convidados de luxo. . . . .	346
Coleta de província. . . . .	350
América proibida . . . . .	352
Realidade alternativa . . . . .	355
O mistério húngaro . . . . .	358
O amigo Orbán . . . . .	360
Chega e Orbán: as falsidades . . . . .	365

BEM-VINDOS AO LODO .....	368
Um partido na lama .....	374
Coca: «assunto classificado» .....	377
QAnon à portuguesa. ....	383
Com a «verdade» me enganas .....	387
O pantanal é aqui .....	391
Sousa Uva sem filtro. ....	397
«Agora apareceu alguém para ajudar...» .....	400
«O Chega subiu-lhe à cabeça» .....	402
 O SEGREDO DOS AÇORES .....	 406
Chega para aqui, Chega para lá .....	408
O acordo segundo Rio .....	412
Visto dos Açores .....	415
Como combater o Chega .....	417
 OS «INIMIGOS DO POVO» .....	 420
O salvador da pátria .....	423
<i>As lições do Tonecas</i> , versão Ventura .....	426
Uma campanha à Trump .....	428
Ameaças e intimidações. ....	431
Eu, agente infiltrado. ....	434
«Temos de jogar baixo» .....	439
 AUTÓPSIA DE UM CRIME. ....	 443
Uma família contra o populismo .....	444
Memórias de Leonor .....	447
 VIAGENS NO PAÍS DO CHEGA. ....	 453
Hammerskins nas listas .....	457
Manual de campanha .....	461
Jenny e o sistema .....	464
E o Porto aqui tão perto.....	466
Quase «morto» no deserto. ....	467
Os «segredos» de Cidália .....	470
A «moura» de Ventura .....	473

Voto e debandada .....	477
Mithá, um intelectual no Chega .....	480

<b>FAMÍLIA</b> .....	497
----------------------	-----

CHEGA UNIPESSOAL .....	499
O CSI do Chega .....	500
Cativar as elites .....	502
Coimbra: eu <i>show</i> Ventura .....	507
O guardador de rebanhos .....	509
Deus & Chega, Unipessoal .....	513
Tudo em família .....	517
Sindicalismo não é aqui .....	521
Dr. Arroja ataca de novo .....	523
Plágio, Salvini e Fátima .....	526
YMCA e a «falha identitária» .....	527
Chega, versão académica .....	529
Ventura: dizer e fazer .....	532
Como camuflar donativos .....	534
De congresso em congresso .....	537
Poder total .....	540

DO PPM AO CHEGA: OS CADERNOS DE TÂNIA .....	544
Viver no PPM .....	546
«Muitos generais e poucos soldados» .....	549

«SE ISTO NÃO É O FIM DO MUNDO...» .....	554
Maria Helena Costa: um dicionário .....	558
A aliança luso-brasileira .....	571
Memórias de António Ferro .....	574
Kim de Mem Martins .....	576
A última tentativa do pastor Tito .....	582
Gerardo atrás do pano .....	583
Subterrâneos digitais .....	585

GRANDEZAS E MISÉRIAS DA DIREITA <i>HARDCORE</i> .....	588
Dois deputados «de bem» .....	590
As piruetas de Ralha. ....	595
Um partido de alta tensão .....	597
E Ventura «privatizou» o Chega .....	600
E o polícia zangou-se... ..	604
Agência de empregos .....	607
 O «BRAÇO ARMADO» DO CHEGA .....	609
Quem são eles. ....	610
Fora da lei .....	613
Chega escondido... ..	614
Os sinais de alarme. ....	617
 PASSA POR MIM EM SANTARÉM .....	620
Um partido capital .....	621
Universos paralelos. ....	623
Noites de Santarém .....	625
 <b>TRABALHO</b> .....	629
 AS MIL E UMA REDES DA DIREITA .....	631
O «consórcio» das direitas. ....	632
Ventura, «baita quadro». ....	635
Mithá, o Chega e as «redes» .....	637
De Leiria para a extrema-direita .....	640
Matias: o «braço» religioso .....	641
<i>Imagine</i> e os «tolos» .....	645
As duas faces do Chega. ....	649
Ambiguidade é combustível. ....	651
Um partido maior do que é .....	654
 REGRESSO AO BASTIÃO ALENTEJANO .....	656
Histórias de imigração .....	657
O crime do «Cabra Alta» .....	661
Moura e os ciganos .....	664

Nixon e o chefe dos «correios» . . . . .	666
O «patriarca» de Portas . . . . .	669
Moisão, Avante! e Chega . . . . .	671
Como o Alentejo mudou . . . . .	674
 O «TERRAMOTO» ESTAVA ESCRITO . . . . .	677
«Luz da razão» . . . . .	679
Abençoado e infiltrado . . . . .	684
O criador Tavares . . . . .	688
Um partido «pega-tudo» . . . . .	690
O Texas pode ser aqui. . . . .	694
Cartografia do Chega . . . . .	695
Como se faz um «exército» . . . . .	696
Extrema-direita: a barreira invisível? . . . . .	700
Limpar Portugal ou o Chega? . . . . .	702
O grande salto em frente . . . . .	703
Democracia, <i>reset</i> ? . . . . .	707
 FUTURO, AGORA . . . . .	710
E o Chega entrou nas aulas... . . . .	712
Ritas, Mileis e TikTok . . . . .	716
A extrema-direita é <i>cool</i> ? . . . . .	718
Vão-se os filtros . . . . .	720
Os novos fenómenos . . . . .	723
Eleitores de hoje e de amanhã . . . . .	726
2025 e depois? . . . . .	732
 FONTES, LEITURAS E INSPIRAÇÕES . . . . .	735
ANDRÉ VENTURA E O CHEGA: UMA CRONOLOGIA BREVE . . . .	747
AGRADECIMENTOS . . . . .	749

# INTRODUÇÃO

O Chega foi fundado em 2019 para combater «o sistema».

Para André Ventura, fundador e presidente do partido, o regime saído da Revolução de 25 de Abril de 1974 originou uma classe política corrupta, um país falido, uma justiça protetora dos «bandidos» e gerações de «subsidiodependentes» dos recursos do Estado, com imigrantes e minorias à cabeça. Por isso, propõe-se refundá-lo.

Estará o Chega à altura da missão ou será, ele próprio, o mais recente e ameaçador produto ideológico, de safra extremista, a alimentar-se da degradação democrática e da descredibilização da política?

Em que medida o Chega acolhe e amplifica as perversões do sistema que diz combater? De que engrenagens depende e como reciclou, inclusive no território digital, causas antigas da ultradireita marginal? Como seduziu, encenou e capitalizou o ressentimento, o desencanto e a sensação de abandono das geografias zangadas com a ação governativa? Como se impôs de forma agreste e disruptiva na paisagem política, atraindo largas e variadas camadas da população, mesmo as mais improváveis?

Que métodos usa, de que recursos dispõe? Como nasceu, cresceu e se preparou para alcançar o poder? Por onde andava, afinal, o «país Chega»?

Caro leitor, estas páginas poderão deixá-lo agoniado, confuso, enjoado. Com náuseas. É de propósito. São muitos nomes, episódios e histórias cruzadas. Anos violentos, vertiginosos, com muitos segredos, protagonistas, reviravoltas.

Talvez queira sair a meio da montanha-russa ou do carrossel.

A minha esperança é que faça a viagem até ao fim, mesmo quando estes capítulos o deixarem mareado. São muitos e variados os bastidores, as circunstâncias, os hábitos, os interesses, os comportamentos. São muitos os nomes, repito, mas leia este livro como se observasse, de perto e na intimidade, desavenças, arrufos e desfechos de uma família política que irrompeu no quotidiano nacional como um *tsunami* que tudo varre, da convivência democrática aos alicerces de uma República em liberdade.

Grande parte dos últimos seis anos foi passada a estudar o Chega e, depois, a escrever sobre ele. Fi-lo em nome do jornalismo em que acredito, colocando-o ao serviço do debate político esclarecido e do aprofundamento da qualidade da democracia, hoje ameaçada por protagonistas e recicladas assombrações de um passado que julgávamos enterrado.

Chamar ao Chega partido fascista ou de extrema-direita contém alguma verdade, mas está longe de ser toda a verdade. Importa, pois, não confundir o seu eleitorado com quem manda, dirige ou nele investe pequenas fortunas para defender interesses individuais ou de casta. As razões de uns nem sempre coincidem com as motivações de outros. Os seus eleitores, para lá das tribos mais ou menos racistas, xenófobas, saudosistas, oportunistas ou fanáticas, têm traços comuns a outras forças políticas: a desilusão com os aparelhos partidários, a indignação pela forma como o Estado e o bem comum são geridos, a revolta contra a negligência, o esquecimento e o abandono. O Chega, porém, também organiza emoções e sentimentos que estavam dispersos, submersos ou nas franjas da sociedade. E incorpora doses de ressentimento, raiva, ódio, desprezo, desespero e preconceito nunca vistos no plano nacional.

Se algo podemos verificar neste tipo de partido é o facto de projetar nos adversários os pecados e vícios que habitualmente comete longe dos holofotes.

A maioria dos capítulos que vai ler neste livro é material inédito, mas contém ainda textos, artigos, reportagens e investigações que publiquei, na esmagadora maioria, na revista *Visão*, e uma pequena parte no *Público*. Foram adaptados, retalhados ou desenvolvidos, mas o essencial, e novo, foi recolhido a partir de milhares de páginas de documentos que nunca viram a luz do dia. São também fruto do meu olhar sobre eventos ou acontecimentos que presenciei ou de que tive conhecimento através de fontes fiáveis, bem como mais de uma centena de entrevistas e depoimentos sobre momentos-chave da vida do Chega. Quis, genuinamente, conhecer este movimento histórico em todas as suas facetas. Não me contentei com telefonemas nem guardei uma distância higiénica, como muitos me recomendavam.

Almocei, jantei, partilhei horas e dias com os seus dirigentes, militantes e apoiantes nas mais variadas circunstâncias. Fi-lo, muitas vezes, sem olhar para o relógio, querendo perceber, entender, ouvir e conhecer as suas biografias antes do Chega, também por acreditar que nelas estaria a explicação para o caminho político que, a dada altura, tomaram.

Por alguns, esperei um ano. Ou mais. Por outros, não tive de esperar.

Muitos dos que, no início, me insultavam nas redes sociais ou ao vivo acabaram por me confiar documentos e revelações. Alguns nem sequer precisaram de romper relações com o Chega para falarem comigo. Ainda lá estão. Têm os seus estados de alma. Entre as minhas fontes no partido, tenho quem ainda me envie postais pelo Natal. Talvez porque, independentemente de todas as diferenças e propósitos, foi possível definir um lugar de encontro, civilizado. Não necessariamente concordante, mas um lugar onde, num mundo polarizado, atomizado e de trincheiras cavadas, alguns diálogos e conversas ainda possam acontecer e sobreviver ao frenesim e à espuma dos dias. Para memória futura.

Numa época em que «as pessoas não falam sobre os assuntos, falam umas contra as outras», como diz Gábor Tompa, dramaturgo e encenador romeno-húngaro, talvez essa consciência seja o oxigénio de que precisamos. Este livro, investigação e memória sobre os primeiros anos do Chega para a política portuguesa, a democracia

e a saúde da República, deve muito ao que os seus fundadores, dirigentes, militantes e eleitores, de Portugal inteiro (e também do estrangeiro), me confiaram ou revelaram. Sem eles, não haveria o Chega nem existiria este livro. Convém não esquecer que o Chega não veio de Marte.

O jornalismo, pelo menos como eu o entendo, deve comprometer-se com o escrutínio público democrático e a defesa dos direitos consagrados na Constituição, com as conquistas da liberdade e do progresso humano, sob pena de não conseguir olhar-se ao espelho. Não pode normalizar nem agir como megafone de discursos, narrativas, percepções e argumentos que distorcem e fragilizam a democracia. O seu trabalho de casa é aprofundar e velar pelo debate de ideias que assegure e amplie o esclarecimento público sem se tornar parte ativa das trincheiras partidárias, agente ativo da desinformação ou mero ofício de arremesso. Como escreveu Isabel Lucas, jornalista que admiro, o nosso «porquê» não pode ser o da arrogância, da sobrançeria, mas o da verdadeira vontade de perceber. Mesmo que não abdicuemos de escrever — e eu não abdicó — de forma incisiva.

A história do Chega é também a de um político forjado no sensacionalismo, com um poderoso microfone, dono de um discurso incendiário e de um partido que o aplaude em apoteose. Atrás do pano, essa mesma força política também se revela um cortejo de traições, intrigas, *vendettas* e disputas sanguinárias pelo poder, por vezes com relevância criminal.

O meu desafio foi, pois, tentar contar a minha versão da história do Chega com a profundidade, a arte e a sedução da novidade, mesmo a quem já possa ter opiniões fortes sobre o partido e o seu líder. No fundo, tentar levar o leitor para dentro do Chega, inseri-lo nas conversas, nos episódios, nas narrativas, como se tivesse lá estado e, assim, conhecer, pela minha mão, o que a sua fachada pública por vezes oculta ou ilude. Se o consegui ou não, o leitor dirá, mas tenho plena consciência de que estas não são páginas fáceis.

Diz o historiador italiano Emilio Gentile que a palavra «fascismo» não significa nada quando se torna uma palavra que se pode aplicar

a tudo. «É como máfia», explica. «Se tudo é máfia, nada é máfia.» O que deve procurar compreender-se e narrar, sugere, «é o presente». A idade «selvagem» do presente e a idade dos «selvagens» no seu estado de ignorância, angústia e hostilidade. E fazê-lo com a noção de que uma democracia pode assumir, ironicamente em nome da soberania popular, características que a violentam e destroem. Os instintos humanos, os mais perversos e autoritários, continuam cá, mas, como disse alguém, os populistas não podem trovejar contra problemas que já foram resolvidos. Talvez seja essa a lição para o futuro.

M. C.

*Porto, junho de 2025*

REMOS  
D FIM

ILEGALIZA



PRÓLOGO

**...AÇÃO DO CHEGA NÃO!**

Na primavera de 2020, meses após ser eleito deputado único do Chega no parlamento, André Ventura receou a ilegalização do partido fundado um ano antes e temeu pela segurança pessoal.

Soube-se que, no topo da hierarquia policial, o próprio Ventura e o dirigente nacional Luís Graça (sobre quem a imprensa revelou antigas ligações à extrema-direita e a neonazis) estariam sob investigação. A qualquer momento, poderiam ser presos e o partido ilegalizado. A informação, supostamente reservada e proveniente de «fontes amigas», «caiu no colo» do líder. E era uma granada sem cavilha. O alarme soou, mas a «notícia» manteve-se num grupo restrito de dirigentes. Quando soube, um deles chorou e urinou-se.

Sobressaltados, Ventura e o círculo íntimo, não mais de quatro pessoas inicialmente, acreditaram que estaria em marcha uma operação da Polícia Judiciária e dos serviços secretos para «decapitar» o Chega, e que a mesma teria por base suspeitas de ligações a organizações violentas e financiamentos da extrema-direita internacional, logo ilegais.

Um documento enviado à direção, no qual se incluíam vagas referências a esses temas, contribuiu para adensar o mistério. Redigido por responsáveis regionais e nacionais descontentes com o rumo do partido à época, o texto circulou internamente e admitia-se que o Ministério Público possuísse cópia. Em Setúbal, numa reunião

conspiratória de dirigentes, insinuou-se a existência de um cheque de 500 mil euros, enviado por setores da extrema-direita austríaca e depositado nas contas bancárias do Chega. Tudo soava a delírio, mas nenhum dos presentes pareceu habilitado a responder a perguntas básicas sobre o financiamento: quem, onde, quando, como e porquê? Mesmo assim, alguns dirigentes ameaçaram divulgar o tal cheque. Anos depois, continuamos à espera.

Neste clima de contornos paranoicos, esboçou-se um plano de fuga para Ventura e a passagem do Chega à «clandestinidade». Luís Graça vestiu a pele de estratega. Rodrigo Freire, à época líder da distrital de Leiria, soube mais tarde o que se preparava longe de olhares comprometedores. «Fomos comer sandes de couratos a uma rulote em Alhandra», conta. «Aí, o Graça explicou-me a urgência de pôr a operação em marcha.»

Quando, no início de 2024, abordei o assunto com o então presidente da mesa da convenção, ele não desmentiu a história. Porém, dado o melindre do tema, não fala dela em público. Se o fizesse, talvez contasse como se descartaram as primeiras opções de fuga equacionadas e como se elaborou um plano B. Espanha seria o destino imediato, mas, à época, a Península atravessava a fase mais dura da pandemia e a circulação fronteiriça havia sido encerrada. Deu-se então prioridade à fuga para Marrocos, a partir da costa algarvia, e depois em direção à Costa do Marfim. O plano passou da teoria à logística na Quinta das Nespereiras, em Odiáxere (Lagos), na moradia de luxo do empresário Arlindo Fernandes, que era militante do Chega.

Antigo deputado do CDS por um curto período nos primeiros anos de democracia, alvo de processos judiciais devido a negócios imobiliários e branqueamento de capitais, Arlindo Fernandes ofereceu guarida a um grupo de dirigentes do partido e prometeu tratar da travessia para o outro lado do mar. Na sua linguagem peculiar, resumiu o assunto deste modo: alguém de dentro da «Casa Grande» [Procuradoria?] dera ordens para prender o líder do Chega e os dirigentes mais próximos. Depois, segundo Arlindo, a PJ apareceria de madrugada para «armazená-los». Havia, pois, que acolhê-los e garantir a sua segurança.

Para tal tarefa, ninguém melhor do que ele, assumiu: tinha bons contactos na região e habituara-se a «tirar» a polícia do caminho.

A relação empresarial com Rodrigo Freire e a proximidade a Diogo Pacheco de Amorim desde os tempos do CDS facilitaram. «Borradinhas de medo», na versão do algarvio, apareceram-lhe então em casa André Ventura e a mulher, Dina, Diogo, Luís Graça, Ricardo Regalla e a mãe, Ana Maria. Caso fosse necessário, deviam permanecer por ali três ou quatro dias. Os contactos com o «mundo exterior» seriam feitos através de telemóveis descartáveis ou «macacos», como alguém lhes chamou.

Combinou-se, entretanto, que a fuga dos dirigentes do Chega, e apenas deles, se faria através de uma lancha rápida em direção a Tânger. A embarcação estava em Sagres, mas zarparia de Lagos numa viagem de seis a oito horas, dependendo das condições marítimas. Arlindo e os seus homens de confiança conheciam bem a costa algarvia e as vigilâncias da Polícia Marítima.

Alguém esperaria Ventura e os dirigentes do Chega no porto marroquino. A lancha voltaria para trás com outros ocupantes, em número idêntico, para não levantar suspeitas. «Tudo para defender a liberdade e a democracia, disse a mim próprio, armado em bom samaritano», comenta o empresário. Além de evitar a alegada prisão iminente de Ventura e de parte do seu núcleo duro, a fuga pretendia contrariar o silenciamento do líder. O chefe máximo do partido continuaria a falar ao país, mas agora a partir do «exílio», qual mártir perseguido e escorraçado. O episódio fez-me lembrar Kurt Thiele, um conhecido de Hitler, que desprezava a faceta egocêntrica e conspirativa do «agitador de cervejarias» e que um dia lhe atirou: «Acho que cagaste na cabeça e te esqueceste de puxar [o autoclismo], certo?» Surpreende que ninguém se tenha lembrado de questionar Ventura acerca da insanidade deste plano.

O «estado-maior» do partido acreditava que o «sistema» perseguia, de facto, o seu líder e pretendia «apagar» o Chega do cenário político. Se a informação recebida através de figura de confiança, supostamente bem colocada nas autoridades policiais ou nas «secretas», era verdadeira, os envolvidos nunca conseguiram confirmar, mas acreditaram e puseram o plano em marcha.

Hoje, alguns deles já admitem que o partido pode ter sido vítima de uma «casca de banana». Com a falta de indícios sólidos ou o recuo

da alegada operação policial contra o Chega, o plano de fuga de Ventura foi abortado e a história enterrada, embora o enredo policial não fosse de deitar fora.

Enquanto isso, o partido procurou auxílio estrangeiro. «O Chega estava muito assustado com a possibilidade de ser ilegalizado pelo Tribunal Constitucional (TC), não tinha nenhum aliado em Portugal e sentiu que precisava de proteção de um grupo internacional», enquadrou o politólogo italiano Riccardo Marchi à *Visão*. Disse-o a propósito da adesão do partido, em julho de 2020, ao grupo Identidade e Democracia (ID), a «família» europeia de direita onde se acomodavam as forças políticas conservadoras mais extremistas.

No fim de novembro, Ventura dramatizou o discurso em resposta ao então presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina. O autarca do PS defendera a ilegalização do Chega por ser «xenófobo, racista e intolerante». «Uma afronta!», protestou o líder do partido. «Se o Chega for ilegalizado, os seus apoiantes, militantes e dirigentes não desaparecerão por magia e continuarão a fazer a sua luta, na clandestinidade, contra um sistema que esqueceu o que era a democracia.» E repetia: «Não deixaremos de lutar mesmo que usem as armas mais baixas contra nós. Ilegalizar o Chega é remeter milhares de pessoas para a luta de clandestinidade... E nós estamos dispostos a isso!», prometeu.

A 18 de abril de 2021, Ventura encenou mais um ato com impacto público: centenas de militantes e eleitores manifestaram-se nas ruas de Lisboa «contra a ilegalização do partido» e passaram à porta do Tribunal Constitucional.

Ali dera entrada um pedido de apreciação nesse sentido com origem numa queixa da eurodeputada socialista Ana Gomes ao Ministério Público (cujos desenvolvimentos são desconhecidos à data da publicação deste livro).

A ex-candidata presidencial e as advogadas Carmo Afonso e Madalena Vaz da Silva pediram a extinção do Chega com base na alegada prática discriminatória em relação a raça, cor, nacionalidade, origem étnica, ascendência ou território de origem. «Note-se que o conceito de raça está, desde finais do século xx, reconhecido como uma invenção cultural sem qualquer base científica», sustentaram na queixa.

No congresso de Coimbra, entre 28 e 30 de maio daquele ano, o «fantasma» do fim do Chega continuava a assombrar o seu líder. «Devemos deixar claro ao país», ameaçou, «que não aceitaremos uma decisão judicial de ilegalização do partido e que isso representará a definitiva “venezuelização” do regime político português», concluiu. Ventura pediu aos congressistas que definissem «os termos e os modos de luta e resistência caso o sistema remeta o partido para a ilegalidade e para a clandestinidade». Na verdade, nesse fim de semana ninguém levou o assunto a sério.

A 10 de agosto, o «chefe» do Chega escalou o dramatismo: sugeriu que a vacinação contra a covid-19 poderia ser o pretexto para o matarem caso ele cumprisse as orientações preventivas do Ministério da Saúde. «Se eu acho e estou convencido de que o Governo português ficaria feliz em silenciar-me? Naturalmente! Se existem neste mundo forças que, de bom grado, me eliminariam, física e politicamente? Sem dúvida!», publicou Ventura na rede social Twitter (atualmente X).

A 21 de setembro de 2021, durante um almoço-convívio do partido em Santarém, o vice-presidente António Tânger Corrêa acrescentava um «segredo de Estado» à narrativa, onde eram evidentes semelhanças com a «informação» que estivera na origem do plano de fuga para Marrocos. Segundo o antigo embaixador, fora criado «um grupo de trabalho entre a “secreta” e a PJ para incriminar o Chega», ligando-o a movimentos negacionistas da pandemia. Ventura confrontou os responsáveis pela Segurança Interna e os ministérios alegadamente envolvidos na conspiração para envolver o partido «de forma forjada ou falsa». Ficou a falar sozinho, mas o mote estava dado.

Jogou-se uma última cartada. A 7 de outubro, André Ventura credibilizou denúncias da alegada jornalista Cristina Segui, fundadora do espanhol Vox, nas redes sociais. «Não espanta nem admira que estejam a ser preparadas ações violentas contra o Chega com o apoio da extrema-esquerda e de serviços secretos internacionais. Apelamos às autoridades portuguesas que tirem a limpo e levem à justiça, sem contemplações, quem possa estar a preparar isto.» «Isto» baseava-se no boato de que o BE e o Podemos, com a ajuda dos serviços de inteligência cubanos, estariam a preparar ações violentas contra o Vox e o Chega.

A 19 daquele mês, Ventura voltou às teses conspirativas de Segui: o escândalo, agora, era a suposta intenção das autoridades portuguesas

de lançar o seu nome e o do Chega na lama, «com provas falsas, com crimes de corrupção e ligações à extrema-direita internacional». O plano teria sido exposto a partir de «fugas de informação nacionais e internacionais», mas o presidente do partido não citava fontes. «Ataque ao Chega e a André Ventura vai acontecer. Informações internacionais revelam que as autoridades portuguesas estão a tentar envolver o partido e o seu líder em processos judiciais, com base em provas falsas», lia-se numa imagem partilhada pelo deputado.

Antiga hospedeira, formada em desenho gráfico, Cristina Segui era conhecida em Espanha pelos processos judiciais e condenações por difamação. A sua relação com a verdade assemelhava-se à que Trump tinha com os factos. Era esta a fonte de Ventura.

Hoje, a rocambolesca história do «exílio» em Marrocos e episódios posteriores parecem ter saído de um *sketch* dos Monty Python, a que se juntaram pitadas de «gabinete do ódio» à brasileira e delírios americanos à *la* QAnon. Ou então não passaram de uma alucinação coletiva. «Tenho receio de ser assassinado, mas não acredito em conspirações malucas», dizia Ventura, em janeiro de 2025, ao *Sol*. O «edifício» conspirativo do Chega, na verdade, nunca se desmoronou. Alicerça-se na tese de que o líder e os seguidores se encontram «sob o olhar, alcance, vigilância e poder esmagadores de um sistema distópico, onnipotente e onnipresente», na descrição do académico Manuel João Cruz, especialista em narrativas populistas.

A vida pública do Chega aparece sempre armadilhada por maquinações ou conjuras dos adversários. É a tese de um partido «sob ataque» do «sistema», alvo constante de ameaças e de tramas por parte de outras forças políticas ou poderes ocultos. A vitimização contribuiu para o ruído digital de que Ventura precisou para afirmar um projeto personalista e de assalto ao poder sob a forma de sistema presidencialista em versão musculada. Ao socializar o seu narcisismo junto dos «crentes», socializou também a mania da perseguição.

Em 2020, a desinformação, a provocação e a propaganda difundidas pelo Chega ainda estavam numa fase amadora, embora pujantes, mas o partido e o seu líder, inspirados nos exemplos de Donald Trump e Jair Bolsonaro, viciaram o debate político com uma torrente

de pós-verdades, tensões, manipulações e ilegalidades. Lançaram o caos informativo, contaminaram a agenda política e pulverizaram o tradicional *mercado de ideias* partidário.

O Chega tornou-se então propulsor de uma «epidemia» mediática: alimentar o debate, viciando-o no confronto, no alarmismo e na esquizofrenia. A direita radical já nascera ciberpopulista, em modo *bullying*, mas também queria ocupar a rua, ganhá-la à esquerda com a mesma receita.

No *território comanche* do digital, nas artérias das áreas urbanas, na casca e na gema das instituições democráticas, o Chega foi beligerante, contundente. Engrossou um caudal subversivo, polarizador e veloz, recheado de artifícios e malabarismos. Adversários e certa imprensa morderam o isco. Ampliaram rastilhos, trincheiras. A direita sem baías agradeceu, cresceu e multiplicou-se. Anunciadas como a ágora de Atenas, as redes sociais revelaram-se o Coliseu de Roma, como ironizou o professor espanhol de Jornalismo Ramón Salaverría.

Extasiados, Ventura e o partido exacerbaram a narrativa incendiária *ad nauseam*, reciclando fórmulas antigas. Realidade alternativa, manipulação ou invenção de histórias juntaram-se à crença numa «verdade» transcendente aos factos. Ventura e o Chega nada inventaram, mas tudo parece novo. «A essência da propaganda é a simplicidade e a repetição», escreveu Goebbels, ministro da Alemanha nazi, no seu diário pessoal.

A premissa mantém-se simples: só por intermédio do líder, e do Chega, se acede ao privilégio de conhecer a «realidade». Tudo o resto é lixo «inimigo». O objetivo é o mesmo da fundação do partido: instaurar a Quarta República, esquiço antigo de Ventura. «O fascismo», escreveu Federico Finchelstein, «defendia uma forma divina, messiânica e carismática de liderança que idealizava o líder como estando organicamente ligado ao povo e à nação».

O historiador argentino dedicou os seus escritos à expansão mundial do fascismo, e às suas novas roupagens, ao longo da História. Para ele, a propaganda associada ao velho modelo, agora refinada e camuflada, foi sempre a metáfora de uma fé. Uma fé cega que não precisa de provas ou validade científica: basta-lhe uma crença e um «enviado de Deus». Para o bem e para o mal, o Chega tinha ambos. Esta é a sua história.